

A criança em Mário Quintana

Sérgio Alves Peixoto

Universidade Federal de Minas Gerais

Não me culpem pelo título deste pequeno ensaio. Ele é ambigualmente proposital: a criança no homem, no poeta, ou na poesia? Proposital, mas não gratuito.

Para quem, como Mário Quintana, tem a certeza de que criança, poeta e poesia são indissociáveis, esperado era que nosso texto já começasse, no próprio título, pelo viés do jogo e pelo apelo à imaginação do leitor, ambos tão caros ao poeta gaúcho.

Portanto, sabemos que, a partir de agora, ao falarmos de Quintana, estaremos falando de sua poesia e do homem que ele foi, profundamente apegado à sua infância na cidadezinha natal, fronteira com a Argentina, rodeado, segundo ele, do animal mais belo e perfeito do mundo, o cavalo,¹ de suas vacas pachorrentas e meditativas, de seus hipogrifos fantásticos, de ruazinhas tristes e solitárias da Porto Alegre do início do século pelas quais passeava, de verdade e poeticamente, dando asas à imaginação e à poesia. Ruas ainda cheias de risos de criança, de cataventos que se entregam, desvairados, a ventos desabusados, de anjos depenados e dentuços, de lampiões que, como seres solitários em esquinas metafísicas, ardem, humanamente, em toda a sua solidão.

Em meio a esse mundo eminentemente particular, o poeta, agora adulto, recupera canções de roda lembradas ou inventadas, grilos e estrelas, ambos sinestesticamente entrelaçados pelo brilho destas e o som diamantino dos primeiros, sempre em busca da verdadeira linguagem da poesia. Linguagem eminentemente marcada pela imaginação, pela fantasia que tão caracteristicamente permeiam o mundo da criança.

¹ Em um de seus mais importantes livros, o *Caderno H*, Mário Quintana relaciona a beleza de um poema perfeito com a beleza de um cavalo: “Um poema tanto mais belo é quanto mais parecido for com um cavalo. Por não ter nada de mais nem nada de menos é que o cavalo é o mais belo animal da criação.” (p.137).

Quando Quintana diz que “A poesia é a invenção da verdade”² não está mais do que ratificando o olhar infantil do poeta sobre o mundo e a linguagem, olhar sério – e o olhar da criança não é sério? – porque busca a verdade além das aparências das coisas, linguagem capaz de dar mais vida ao mundo em que vivemos e mais humanidade aos seres que somos.

Assim é que ele diz no seu famoso *Caderno H*:

As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevisitas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas... Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada.³

Um dos textos mais marcantes de Quintana sobre esse poder da imaginação como arma para se atingir uma plenitude já perdida é, sem dúvida, o que se segue:

Quando pouse os óculos sobre a mesa para uma pausa na leitura de coisas feitas, ou na feitura de minhas próprias coisas, surpreendo-me a indagar com que se parecem os óculos sobre a mesa.

Com algum inseto de grandes olhos e negras e longas pernas ou antenas?

Com algum ciclista tombado?

Não, nada disso me contenta ainda.

E sinto que, enquanto eu não puder captar a sua implícita imagem-poema, a inquietação perdurará.

E enquanto meu Sancho-Pança, cheio de si e de senso comum, declara ao meu Dom Quixote que uns óculos sobre a mesa são, de fato, um par de óculos sobre a mesa, fico a pensar qual dos dois – Dom Quixote ou Sancho? – vive uma vida mais intensa e portanto mais verdadeira...

E paira no ar o eterno mistério dessa necessidade de recriação das coisas em imagens, para terem mais vida, e da vida em poesia, para ser mais vivida.⁴

É claro que a pergunta que Quintana se faz é meramente retórica: Quixote é o seu protótipo de herói, e essa capacidade quase que divina de

² *Caderno H*, p.119.

³ *Caderno H*, p.166.

⁴ *Caderno H*, p.59.

inventar, agora pela escrita, um mundo mais intenso e uma vida mais verdadeira é a opção do poeta. Sendo assim, o louco, o bêbado e a criança se irmanam na poesia de Mário Quintana: todos criam seu mundo particular, têm uma linguagem própria, vivem numa outra esfera da realidade, essa sim, capaz de livrar o homem das amarras de uma razão castradora e redutora.

Para deixar falar a criança que está no cerne do poeta, do homem e, conseqüentemente, da linguagem poética, Quintana abre um leque de possibilidades para que a voz da imaginação se faça ouvir mais alto.

Uma dessas possibilidades é a escrita de textos para o público infantil. Quem lê *Pé de pilão*, narrativa lírica em dísticos de sete sílabas onde um pato resolve tirar retrato após ganhar sapato, não pode deixar de se deslumbrar com a volúpia das imagens que se sucedem uma após outra, feericamente. Trata-se, sem dúvidas, de um dos mais belos textos dessa vertente literária, livro em cujo prefácio, Êrico Veríssimo, diz poder e dever ser lido por gente grande.⁵ Mas isso não acontece sempre quando o livro dito infantil é realmente bom?

A partir do momento em que o pato procura um retratista, tudo acontece, e o mundo da fantasia não conhece limites. Animais, crianças, fadas, tudo se mistura para terminar docemente na bela imagem da menininha espevitada e arteira que resolve ser aplicada na escola. Aqui devemos perdoar o resquício moralista tão comum aos textos destinados às crianças em todos os tempos, tão encantador é o texto do poeta. Aí vão os três últimos dísticos que encerram as aventuras do pato e de seus comparsas na narrativa:

A Rosinha, envergonhada
De sua vida passada

Estuda como uma traça
E sem mais sofrer vexames

Passa sempre nos exames
Como a luz pela vidraça.

Outra possibilidade é a de trazer para o texto a personagem infantil. Cria o poeta, então, uma guria (ele é gaúcho) extremamente simpática. Uma guria, e não um guri, talvez porque personifique sua alma. Chama-a de Lili.

⁵ Prefácio a *Pé de pilão*, p.5.

Vem de tempos pretéritos e, espevitadamente, não gosta de laranjas de umbigo porque são muito pretensiosas.⁶ Personagem preferido de Quintana, Lili desnor-teia o poeta em situações em que, enxerida como todas elas, fala pelos cotovelos e mostra ao adulto a capacidade de inventar verdades, poder que têm crianças e poetas de verdade, porque crianças também.

Com Lili, o poeta brinca, muitas vezes, de teatrinho, entabulando historinhas encenadas para os vãos de sua imaginação. Uma das passagens em que ela dá uma aula de poesia ao leitor e ao poeta é a seguinte:

Andávamos por um caminho ao longo de um capinzal que ao vento da manhã ondulava a perder de vista. Íamos a favor do vento que nos levava para a frente, sempre e sempre para a frente.

– Vamos avoar naquela água? – propôs Lili.

– Como?! Repete isso...

Não repetiu. Essas coisas não se repetem. A verdade é que fiquei atônito e agradecido. Era que, naquele tempo, Lili tinha cinco anos e, em matéria de cultura poética, apenas conhecia, ao que eu soubesse, certo hino que cantavam no Jardim da Infância e onde apareciam, creio que em estribilho, as harmoniosas mas inesperadas sílabas do nome do Dr. Celeste Gobato. (...)

Como uma pequenina Mademoiselle Jourdain de saia florida e franjinha esvoaçante, estava fazendo poesia sem querer. E poesia moderna, dessas que gente grande teimava em não aceitar, devido às limitações da lógica adulta.

Havia ali uma interpenetração de imagens não sucessivas, não ligadas por “assim como” – e sem menção prévia do objeto que as fizera brotar. Puro Mallarmé, mas espontâneo, sem as suas custosas elaborações.⁷

Quem diria que Lili e Mallarmé pudessem ser igu-alados? Melhor dizendo, que Lili suplantasse em poesia o tão cultuado poeta francês, citado sempre que se vai falar da grande poesia simbolista, precursora da poesia moderna? E onde estaria a superioridade de Lili? Na espontaneidade infantil, na sua pureza, na capacidade de falar a língua verdadeira da poesia como se ela fosse a coisa mais natural do mundo. É essa busca da naturalidade, da espontaneidade e de um eterno dar-se à brincadeira, ao humor que, nos grandes momentos da obra de Quintana, marcam a diferença entre a

⁶ *Caderno H*, p.172.

⁷ *Caderno H*, p.157.

linguagem poética deste gaúcho de Alegrete e toda uma outra que ainda aposta na razão como a grande condutora da poesia. Também, o que poderíamos esperar de quem nasceu em uma cidade que, no próprio nome, recupera a alegria perdida de nossa infância?

Referências Bibliográficas

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. São Paulo: Globo, 2003.

QUINTANA, Mário. *Pé de pilão*. Porto Alegre: Garatuja, 1976.

Resumo

Este texto apresenta a linguagem poética de Mário Quintana, linguagem que se deixa invadir pela imaginação, traço comum ao poeta e às crianças.

Résumé

Ce texte présente le langage poétique de Mário Quintana, un langage qui est envahi par l'imagination, trait commun au poète et aux enfants.